



MAIS DE 100 PESSOAS PROCURAM A EMBAIXADA DA UCRÂNIA INTERESSADAS EM IR PARA O FRONT DE BATALHA CONTRA OS RUSSOS. SEGUNDO DIPLOMATA, O ALISTAMENTO OCORRE APENAS EM SOLO UCRANIANO

Brasileiros querem lutar

» TAÍSA MEDEIROS

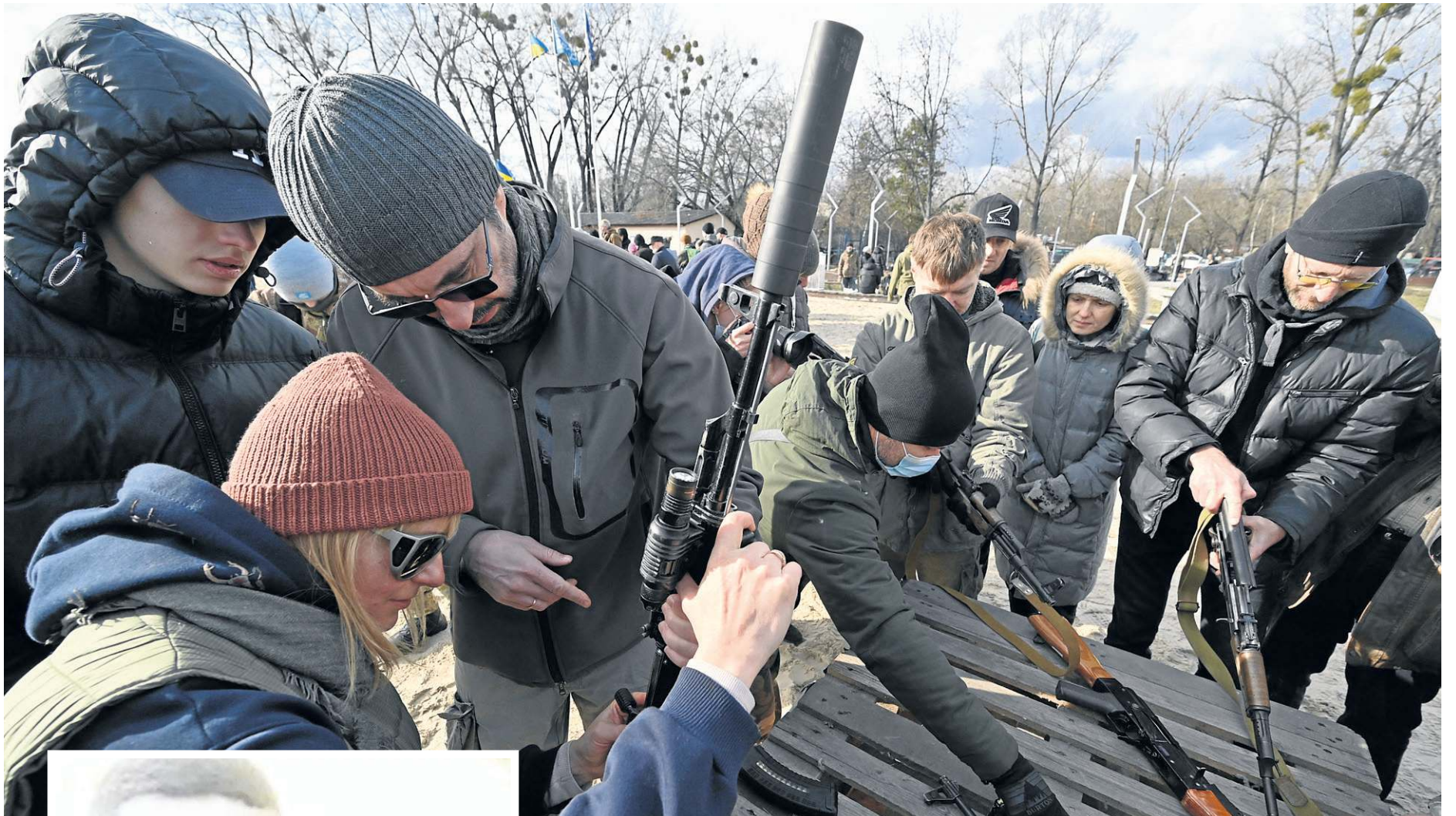
Na contramão das milhares de pessoas que buscam uma saída para fugir dos conflitos na Ucrânia — pelo menos 1 milhão já deixaram o país, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) —, mais de 100 brasileiros pediram à Embaixada da Ucrânia para irem para o front de batalha. O dado foi informado pelo encarregado de Negócios da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach. Sem dar a quantidade exata de candidaturas e garantir se alguém será escolhido, o diplomata adiantou que não será possível atender ao número de demandas. “São mais de 100 cartas. Não podemos responder a todas”, justificou.

Segundo o diplomata, só é possível realizar o alistamento em solo ucraniano. Além disso, é preciso ter experiência militar e falar pelo menos inglês fluentemente. Quando questionado se existe uma idade mínima para fazer o alistamento, Tkach se limitou a responder que “com 18 anos a pessoa ainda não tem experiência”.

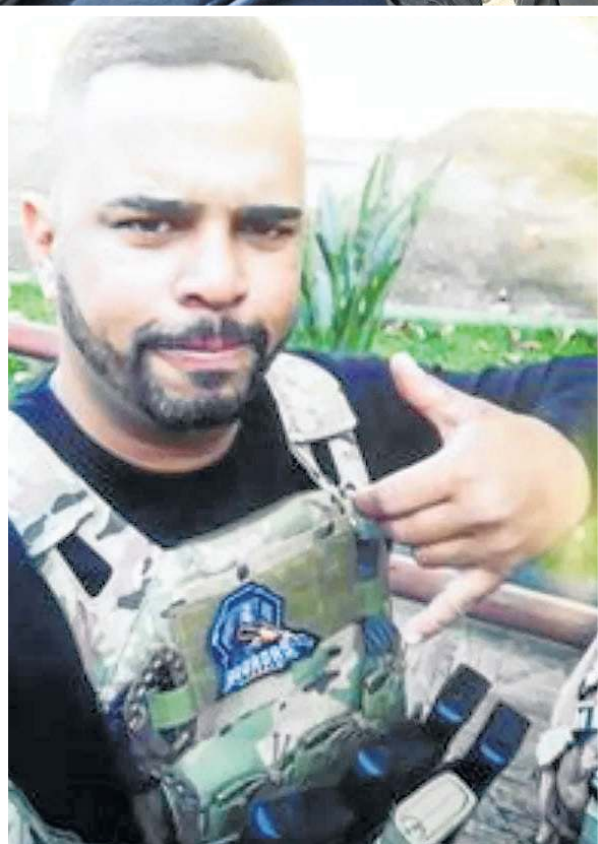
Dezenas de grupos nas redes sociais, principalmente Facebook, WhatsApp e Telegram, reúnem majoritariamente homens jovens em busca de informações para se alistarem. Em um desses, está Evandro Lins, 34 anos, natural de Vila Velha, no Espírito Santo. Evandro garante que tem treinamento esportivo, conhecimento em armas e que está disposto a ir para o outro lado do mundo se juntar aos soldados ucranianos.

“O que me motiva é ver aqueles heróis que já estão lá, que foram obrigados a se separarem das mulheres e dos filhos para defender a sua pátria”, contou. “Se for convocado, eu vou sem pensar duas vezes. É muito injusto o que está acontecendo na Ucrânia”, completa Evandro, que assegurou que suas motivações são maiores do que qualquer medo que poderia sentir no campo de batalha. “Minha motivação fala mais alto”, justificou.

AFP



Civis começaram a receber treinamento militar antes da invasão: pelo menos 1 milhão deixaram o país, diz a ONU



Evandro Lins, 34 anos, é um dos voluntários: “Se for convocado, eu vou sem pensar duas vezes”

Arquivo pessoal

Unidade estrangeira

As informações para o alistamento foram intensificadas logo após o início do ataque a Kiev, no último dia 24. Três dias depois, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, anunciou a criação da Legião Internacional de Defesa Territorial da Ucrânia — uma unidade militar formada por estrangeiros dispostos a combater os russos. Pelo Twitter, o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, reiterou o convite.

Foi quando o técnico em logística Aron Marques, 30 anos, teve o interesse despertado pela causa. “Outros brasileiros também se interessaram pelo assunto. Na verdade, pessoas do mundo inteiro

abraçaram a causa ucraniana. Eu tenho muita vontade de lutar pela Ucrânia. É uma luta pela defesa da vida, pelo direito de ir e vir, uma luta em defesa dos valores ocidentais ante o expansionismo russo, que tenta, de forma arbitrária, reconstruir a antiga união soviética”, diz.

Para participar do combate, o voluntário tem que arcar com as despesas por conta própria. “A única forma de entrar em território ucraniano é atravessando pela Polônia, e o custo financeiro de uma viagem como essa é bem alto”, afirma Aron Marques. Apesar da dificuldade, o plano dele ainda está de pé. “Sigo acompanhando o andamento do conflito e me preparando financeiramente”, ressalta.



São mais de 100 cartas. Não podemos responder a todas elas”

Anatoliy Tkach, encarregado de Negócios da Ucrânia no Brasil

Mais sanções a bilionários russos

Estados Unidos e Reino Unido aumentaram o número de oligarcas russos submetidos a sanções, em uma tentativa de aumentar a oposição de poderosos à guerra iniciada pelo presidente Vladimir Putin. “Trata-se de manter a mais forte e mais unida campanha de pressão econômica da história sobre a Rússia”, justificou o líder americano, Joe Biden.

Essa nova onda de medidas punitivas se dá em um momento em que vários desses bilionários começam a se distanciar da empreitada militar de Putin.

A Lukoil, número dois do setor petrolífero russo, pediu ontem a “detenção rápida” do conflito na Ucrânia, tornando-se a primeira grande empresa nacional a se opor publicamente à invasão. Roman Abramovich — que até agora escapou das sanções ocidentais, mas está sob pressão por causa de sua proximidade com o presidente russo — colocou o clube de futebol inglês Chelsea à venda e prometeu que os lucros com a venda serão destinados às “vítimas da guerra na Ucrânia”.

Ao anunciar as novas

sanções, Biden acusou os bilionários de “encherem os bolsos com dinheiro russo enquanto ucranianos se escondem no metrô para escapar de lançamentos indiscriminados de mísseis”. Secretária de Relações Exteriores britânica, Liz Truss, informou, em comunicado, que o objetivo das punições é “paralisar a economia russa” e sufocar a máquina de guerra de Putin. “Vamos atingir os oligarcas e pessoas intimamente associadas ao regime de Putin e sua guerra bárbara. Não vamos parar por aí”, alertou.

Estados Unidos e Reino Unido decidiram congelar os ativos do bilionário russo nascido no Uzbequistão Alisher Usmanov, cujos contratos comerciais que tinha o clube de futebol inglês Everton foram suspensos, e do ex-vice-primeiro-ministro Igor Shuvalov, chefe do banco de desenvolvimento russo VEB. Segundo comunicado da Casa Branca, também foram sancionados Nikolai Tokarev, diretor executivo da Transnet, peso-pesado do setor do petróleo e gás; Boris e Arkady Rotenberg, dois irmãos de uma

família considerada muito próxima a Putin; Serguei Chemezov, chefe do conglomerado da indústria petrolífera Rostec Defense; e Yevgeniy Prigozhin, outro amigo próximo do Kremlin.

Visitas proibidas

Também fica proibida a entrada nos Estados Unidos de 19 oligarcas russos e 47 familiares, informou a Casa Branca, sem divulgar nomes dos atingidos. As medidas mais recentes incluem os familiares diretos dos sancionados, na tentativa de evitar que eles transfiram suas propriedades a parentes. Na semana passada, Washington anunciou sanções contra

empresários russos, membros do Kremlin e o próprio presidente russo, Vladimir Putin.

O presidente Biden prometeu, na terça-feira, perseguir os “ganhos mal-intencionados” dos oligarcas russos e se apoderar de seus “iates, apartamentos de luxo e aviões privados”. Em sintonia com os aliados europeus, Washington criou, um dia depois, uma célula de investigadores encarregada de perseguir esses bens e, possivelmente, apreendê-los. Para o Executivo americano, esses bilionários são os responsáveis por proporcionar os recursos necessários para apoiar a invasão da Ucrânia por parte de Putin.

Cientistas russos condenam a invasão

Em carta aberta ao presidente Vladimir Putin, com quase sete mil assinaturas, cientistas, matemáticos, acadêmicos e jornalistas científicos russos repudiaram a ofensiva contra a Ucrânia. “Os valores humanísticos são a base sobre a qual a ciência é construída”, lamentaram os signatários. “Estamos convencidos de

que nenhum interesse geopolítico pode justificar as mortes e o banho de sangue. A guerra só levará à perda total do nosso país, pelo qual trabalhamos”.

O texto completo foi divulgado no site de notícias *trv-science.ru*. “Os muitos anos dedicados a consolidar a reputação da Rússia como um importante centro

matemático foram completamente frustrados pela agressão militar sem precedentes realizada por nosso país”, assinalaram num trecho da carta. O grupo destacou que o Congresso Internacional de Matemáticos, marcado para acontecer em julho, na Rússia, foi cancelado.

Em Nova York, a soprano russa

Anna Netrebko, criticada por complacência com Putin, retirou-se das apresentações de *Turandot*, de Puccini, marcadas para abril, no Metropolitan Opera. Em nota, a instituição destacou a decisão da artista se deu por “não cumprir as condições do Met de repudiar seu apoio oficial” ao presidente russo.



Estamos convencidos de que nenhum interesse geopolítico pode justificar as mortes e o banho de sangue. A guerra só levará à perda total do nosso país, pelo qual trabalhamos”

Trecho da carta aberta a Vladimir Putin